

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE HISTÓRIA – BACHARELADO E LICENCIATURA

MOACIR CARLOS PATRICIO AVILA

**OS CARIJÓS NA HISTORIOGRAFIA E NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SANTA CATARINA**

CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2010

MOACIR CARLOS PATRÍCIO AVILA

**OS CARIJÓS NA HISTORIOGRAFIA E NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel e Licenciado no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Renato Carolla.

CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2010

MOACIR CARLOS PATRICIO AVILA

**OS CARIJÓS NA HISTORIOGRAFIA E NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel e Licenciado no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em História da Educação.

Criciúma, 22 de novembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Carlos Renato Carolla – Dr. - UNESC - Orientador

Prof. João Henrique Zanellato – Dr. - UNESC

Prof. Msc. Marcelo Postafiglia - UNESC

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a deus por preservar-me a vida a todo o instante, permitindo-me viver neste mundo material.

Aos meus pais, Marcos Ávila e Marlene Patrício Ávila, por cumprirem a missão sagrada de gerar-me, possibilitando meu aprendizado. Obrigado por tudo que me deram e, como retorno, a realização de meu sonho.

Aos meus avós Ézio, Lourdes e Menaide que sempre me orientaram para enfrentar as dificuldades e nunca desistir. Ao meu irmão Mauricio.

Aos meus padrinhos, Marcio e Claudete, que muito contribuíram para a minha educação.

Em especial a minha namorada que tanto me ajudou e me incentivou nessa caminhada.

Aos professores que me acompanharam nessa jornada e por terem despedido mim novos horizontes, para além do meu saber.

A todos os colegas, que fiz ao longo do curso, e os que já tinha desde a infância, e me deram força e incentivo.

MUITO OBRIGADO!

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a maneira que vem sendo representado o ameríndio, especificamente, os carijós, na historiografia catarinense, e nos livros didáticos de história de Santa Catarina. Buscou-se fazer uma análise desde a vida cotidiana que era levada pelos carijós até a chegada dos europeus, observar a maneira que cada autor mostrou e como foi o convívio destes dois grupos, e o desenrolar de diversos fatores da história colonial, sobretudo no contexto meridional da América portuguesa região a qual é conhecida pelo bandeirantismo e de várias missões jesuítas, importantes fatores do contato entre europeus e indígenas, até chegar no derradeiro fim que tiveram os carijós, e que algum tempo depois vai acontecer com outras tribos indígenas de Santa Catarina.

Palavras-chave: Carijó, Gentio, Índio, Bandeirantes, Jesuítas

**“Eu tive um sonho,
O Criador do Mundo apareceu e me disse
que os animais estão desaparecendo,
morrendo ou fugindo.**

**Nós precisamos arrumar um jeito de
aumentar os animais, proteger o lugar onde
eles vivem. Porque, se o povo indígena
deixar de comer carne de caça, vai deixar de
sonhar. E são os sonhos de poder que
mostram o caminho que devemos seguir.”**

Sibupá Xavante

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 OS CARIJÓS NA HISTORIGRAFIA CATARINENSE	11
3 OS CARIJÓS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SANTA CATARINA	20
4 CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

Muito se fala sobre a população ameríndia em Santa Catarina, mas pouco se sabe sobre sua história. Hoje vários historiadores e antropólogos preocupam-se em escrever uma história indígena. Isso é um trabalho extremamente complicado, pois não há registros escritos deixados pelos indígenas. O que se tem, foi escrito por europeus ou por meio de relatos orais dos descendentes destes ameríndios. A primeira pergunta que surge em uma discussão indígena é: por que são chamados de índios, já que não vivem na Índia?

O termo índio nasceu de um engano histórico: ao desembarcar na América, o navegador Cristóvão Colombo chamou seus habitantes de índios, pois pensava ter chegado às Índias. Outras designações para o habitante da América pré-colombiana: aborígene, ameríndio, autóctone, brasilíndio, gentio, íncola, “negro da terra”, nativo, bugre, silvícola, etc. O termo índio designa quem habitava e ainda habita as terras que receberiam o nome de América.

Segundo Kaká Werá Jecupé no seu livro “A Terra dos Mil Povos: História Indígena do Brasil Contada por um Índio”, “o índio não chamava nem chama a si de índio. O nome “índio” veio trazido pelos ventos dos mares do século XVI, mas o espírito “índio” habitava o Brasil antes mesmo de o tempo existir e se estendeu pelas Américas para, mais tarde, exprimir muitos nomes, difusores da tradição do sol, da lua e do sonho.”¹ O autor também fala como os ameríndios passam para seus descendentes o que é o índio para o índio:

Para o índio, toda a palavra possui espírito. Um nome é uma alma provida de um assento, disse na língua ayvu. É uma vida entonada em uma forma. Vida é o espírito em movimento. Espírito, para o índio, é silêncio e som. O silêncio-som possui um ritmo, um tom, cujo corpo é cor. Quando o espírito é entonado, torna-se, passa a ser, ou seja, possui um tom. Antes de existir a palavra “índio” para designar todos os povos indígenas, já havia o espírito índio espalhada em centenas de tons. Os tons se dividem por afinidade, formando clãs, que formam tribos, que habitam aldeias, constituindo nações. Os mais antigos vão parindo os mais novos. O índio mais antigo dessa terra hoje chamada Brasil se auto denomina *Tupy*, que na língua sagrada, o abanhaenga, significa: tu = som, barulho; py = pé, assento; ou

¹ JECUPÉ, Kaka Werá. . **A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio**. 2.ed. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1998. p. 13

seja o som-de-pé, o som-assentado, o entonado. De modo que índio é uma qualidade de espírito posta em uma harmonia de forma.²

Kaká Werá Jecupé também fala que em essência, o índio é um ser humano que teceu e desenvolveu sua cultura e civilização intimamente ligada à natureza. A partir dela, elaborou tecnologias, teologias, cosmologias, sociedades, que nasceram e se desenvolveram de experiências, vivências e interações com a floresta, o cerrado, os rios, as montanhas e as respectivas vidas dos reinos animal, mineral e vegetal.³

Nos discursos feitos sobre o ameríndio é preciso ter o cuidado de não incorrer em certas armadilhas. Para essa questão, Maria Carneiro da Cunha na obra onde é organizadora “Historia dos Índios do Brasil”, escreve que “a maior armadilha é talvez a ilusão de primitivismo. Na metade do século XIX, essa época de triunfo do evolucionismo, prosperou a idéia de que certas sociedades teriam ficado na estaca zero da evolução, e portanto, eram fósseis vivos que testemunhavam do passado das sociedades ocidentais”.⁴

Silvio Coelho dos Santos, um antropólogo catarinense, também fala sobre esse problema de tratar o ameríndio, citando o carijó, como primitivo, como bárbaro:

Não se pode mais pensar, pois, que os índios que habitavam o litoral do Brasil, e no caso particular os de Santa Catarina, fossem um grupo de bárbaros, sem conhecimento de coisa alguma, vivendo sem organização e em grau de penúria. Não, os indígenas formavam sociedades organizadas e plenamente adaptadas ao ambiente americano. Havia desenvolvido uma tecnologia adequada para esse ambiente. E viviam o seu mundo, como qualquer homem: nascendo, trabalhando, amando, lutando e morrendo.⁵

Darcy Ribeiro é outro que escreve sobre o índio, e faz uma discussão de que o europeu iniciou a ocupação das terras do novo mundo desde antes das iniciativas de colonização tanto por parte de Portugal como por parte da Espanha: “... é possível, e no início da colonização muitos europeus adotaram hábitos indígenas, se

² JECUPÉ, Kaka Werá. . **A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio**. 2.ed. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1998. p. 13

³ Idem, P.14

⁴ CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil**. 2.ed São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 11

⁵ SANTOS, Silvio Coelho dos. **Nova história de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1974. p.24

introduzindo em tribos.”⁶ A este processo inicial da colonização européia Darcy Ribeiro chamou “*Cunhadismo*”, “isso se alcançava graças ao sistema de parentesco classificatório dos índios, que relaciona, uns com os outros, todos os membros de um povo”⁷. Assim, o estrangeiro aceitando uma índia como companheira, passando a produzir afinidades com os parentes, produzindo alianças, muito contribuíram para a fixação dos europeus em território Latino Americano.

Dessa forma, o trabalho vem analisar as obras de historiografia catarinense e de livros didáticos, que foram e são usados para o estudo da história de Santa Catarina.

⁶ RIBEIRO, Darcy, O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.72

⁷ Idem, P.72.

2 - Os Carijós na Historiografia Catarinense

O primeiro livro que será analisado neste trabalho é o livro História de Santa Catarina, escrito por Oswaldo Rodrigues Cabral, historiador bem conhecido na historiografia catarinense. Este livro foi publicado no ano de 1968, e é organizado em três partes, Brasil Colônia, com oito capítulos, Brasil Império, com dez capítulos e Brasil República, com mais dez capítulos, com o total de 430 páginas. O capítulo que será analisado recebe o título de O Gentio e a Catequese.

Oswaldo Rodrigues Cabral inicia o capítulo falando que os aborígenes que viviam na costa da capitania de S. Vicente, da Cananéia ao Rio Grande, e formavam a nação Carijó, e que desde a era da “descoberta” e todos os outros que tiveram contatos com eles diziam ser “o melhor gentio da costa”.⁸

A maneira de viver, os costumes e os hábitos dos carijós, não eram diferentes dos demais naturais do país, vivendo seminus ou totalmente nus, cobertos por penas e peles. Os Carijós moravam em choças⁹ cobertas de folhas, com as paredes de pau-a-pique, viviam em tribos, e cada uma delas tinha um chefe, e esse chefe conduzia-os nas guerras, que aconteciam freqüentemente entre estes. Cabral diz que não existia indícios de que os Carijós fossem antropófagos.¹⁰

Sobre a alimentação dos Carijós, fala que já existia uma agricultura e que era ocupada pelas mulheres. Os Carijós eram exímios arqueiros, sendo que desde menino era ensinado a utilização das armas. Possuíam instrumentos de sopro e percussão, e tinham o hábito de cantar e dançar durante as cerimônias de rituais de seu grupo. Sabiam preparar bebidas fermentadas e traçar cestos, redes e esteiras.¹¹ O autor comenta que os carijós tinham o tegumento¹² mais claro do que o restante dos aborígenes brasileiros.

⁸ CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Secretaria de educação, 1968. p. 29

⁹ Cabana de ramos de árvores ou colmo, própria das florestas tropicais. / P. ext. Casebre. / Palhoça, cabana, choupana.

¹⁰ CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Secretaria de educação, 1968. p. 29

¹¹ Idem, P.29

¹² Anatomia. Aquilo que reveste o corpo do homem e dos animais (a pele, o pêlo, as plumas, as escamas). / Botânica. Invólucro das sementes; episperma.

Em seguida, Cabral traz as tentativas de catequese e separa esta narrativa de, “Nóbrega e os Carijós, Abaré-bebe e outros jesuítas, a missão dos Carijós, João Fernandes Gato e João de Almeida, a residência de Laguna e derradeiras tentativas.”

Esta segunda parte do capítulo, como podemos ver, é destinado aos atos dos jesuítas de tentativa de catequese aos Carijós. O maior problema encontrado pelos jesuítas foi os traficantes de escravos, que achavam os padres a perdição do seu negócio. Cabral conta a tentativa de uma missão no ano de 1635, organizada no Rio por ordem do rei e sobre patrocínio do governo. Os padres que estavam nesta missão eram Inácio de Siqueira e Francisco de Moraes. Os padres passaram por São Francisco, Guaratuba, embarcados no patacho Santo Antônio, e chegaram a ilha de Santa Catarina.¹³

Da ilha passaram os padres à Laguna, que era o principal ponto do comércio dos escravos, achando no seu porto 62 embarcações, sendo 15 navios de alto bordo e o restante grandes canoas, ocupadas no infame negócio. Pelo porte das embarcações e mantimentos que levavam, esperavam os escravistas levar dali mais de 12 mil índios. Tramaram os traficantes a ruína dos padres, pois eram eles os únicos que tomavam a defesa do gentio.¹⁴

Depois de numerosos trabalhos, na sua maioria prejudicada pela ação dos traficantes, os padres com mais 200 aborígenes regressaram para as aldeias do Rio, mas também foram assaltados. Fracassa assim mais uma expedição missionária diante da fúria dos negociantes de escravos.¹⁵

O livro História de Santa Catarina, publicado por uma editora do Paraná no ano de 1970, com o apoio de Oswaldo Rodrigues Cabral, foi coordenado pelo Prof. Faissal El-Khatib e é dividido em cinco partes. A primeira intitulada “A Era do Descobrimento, da Conquista e do Povoamento”, com 3 capítulos; a segunda parte chamada de “A Era da Monarquia”, com mais 3 capítulos, a terceira parte “A Era da República” com mais 3 capítulos, a quarta parte, “A Era da Colonização” com mais 3 capítulos, e a quinta parte “Os Feitos Épicos”, esse com 4 capítulos, exaltando o dizer “eu sou catarinense”.

¹³ CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Secretaria de educação, 1968. p. 34

¹⁴ Idem, P.34

¹⁵ Idem, P.34

O tema sobre “O Gentio e a Catequese”, foi escrito em duas páginas apenas e mostra a tradicional visão do carijó, como o gentio, manso:

A época da descoberta, o gentio que ocupava a costa catarinense pertencia a nação carijó e, afirmavam os navegadores e exploradores, era “o melhor gentio da costa”, apesar de possuir os mesmos hábitos, costumes e organização social das demais nações aborígenes que habitam a região.¹⁶

Essa visão de gentio dada para os ameríndios carijós vai sobreviver até o século XXI, mesmo com os críticos atuais de historiadores à antropólogos que procuram escrever com uma visão menos européia e mais na perspectiva do ameríndio. O capítulo, “O Gentio e a Catequese”, traz de início informações de como era os modos de vida, as vestimentas, algo que é sempre bem frisado por escritores que falam sobre os ameríndios, sobre o tipo de alimentação e se praticavam antropofagia ou não, da mesma forma que a obra anterior, a representação do “gentio manso” é destacado: “Não hostilizavam os visitantes senão quando ultrajados ou ofendidos, mas eram cobiçosos e chegavam ao ponto, algumas vezes, de vender seus próprios filhos, como escravos, aos brancos”.¹⁷

O mais interessante é que foi utilizada a palavra cobiça para com os ameríndios, foi usado esse termo para um povo que não se importava com nenhum acúmulo de riqueza, para desmistificar essas idéias, surgiram nos últimos anos pesquisadores preocupados na defesa do ameríndio como Manuela Carneiro da Cunha, Silvio Coelho e muitos outros.

Seria errado considerar isso uma espécie de indiferença cruel em relação à criança, pois trata-se justamente do contrário: confiança a àquele que, por sua generosidade, manifestou a extensão de seu poder benéfico, demonstram seu amor pela criança assim como sua deferência pelo estrangeiro.¹⁸

Manuela Carneiro da Cunha, na obra “História dos Índios do Brasil”, onde é organizadora, desconstrói a idéia de os ameríndios venderem seus entes por causa

¹⁶ HISTÓRIA de Santa Catarina. Curitiba, PR: GRAFIPAR, 1970. 4 v, p.20

¹⁷ Idem, P.20.

¹⁸ CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil**. 2.ed São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 491 p.

da cobiça, mas sim como uma forma de afeto tanto para com o estrangeiro, fazendo assim a ligação forte com o visitante europeu.

Voltando para a obra anterior, no mesmo capítulo que fala sobre os Carijós, traz os relatos de jesuítas, contando das missões de catequização do carijó. O autor descreve a ação dos missionários cristãos como um processo civilizatório positivo.

Os primeiros catequistas destinados a cristianizar o gentio brasileiro foram os padres da companhia de Jesus Leonardo Nunes, Antonio Pires, João de Aspiqueta Navarro e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jacomo que, sob a chefia do padre Manoel da Nóbrega, acompanharam, em 1549, o primeiro Governador Geral do Brasil Tomé de Souza.¹⁹

O fato de a parte do livro que é destinado aos carijós estar sendo dividido com os relatos jesuítas, é que a maioria dos livros tradicionais que falam sobre os ameríndios sempre traz outros agentes da história junto. Hoje já surgem livros que dão uma ênfase maior ao assunto, ou de descendentes dos próprios ameríndios ou de escritores que se interessam em buscar mais informações sobre eles.

O livro Santa Catarina: Sua história de Walter F. Piazza publicado em 1983 com 748 páginas, não houve interesse pela história indígena. (A obra está organizada na divisão tradicional: Período Colonial (1500 a 1822) , Período Imperial (1822 a 1889) e Período Republicano (1889 a 1980), precedidos esses capítulos por outro sobre a pré-história do novo mundo. Nesses três períodos somam ao todo, 34 capítulos. No primeiro momento em que Piazza reserva para os ameríndios não passa de mais de meia página, e é a única parte destinada a falar apenas dos ameríndios. Nos outros momentos sempre o ameríndio fica como coadjuvante na história.

No momento da descoberta do Brasil era bastante expressivo o número de indígenas que habitavam Santa Catarina e tal é demonstrado pelos relatos dos viajantes que, aqui, estiveram, e, posteriormente, pelo testemunho dos missionários. Assim no litoral catarinense situavam-se os indígenas da grande nação tupi-guarani, da “língua geral” e que, posteriormente, vão ser denominados de “Carijós”.²⁰

¹⁹ HISTÓRIA de Santa Catarina. Curitiba, PR: GRAFIPAR, 1970. 4 v.p 20.

²⁰ PIAZZA, Walter F.. **Santa Catarina : sua história**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1983. p. 73

Nesta pequena parte, Piazza também fala que no interior dos vales litorâneos, na encosta do planalto e no planalto ficam os Kaingang ou os botocudos, e os Xókleng. E hoje nas reservas indígenas de Santa Catarina, existem remanescentes guaranis, kaingang e xókleng.

Nas outras partes da obra, Piazza explica como os jesuítas descrevem suas vivências, ou como as bandeiras de apresamento dizimaram muitas tribos Carijós. Piazza faz uma explicação dos tipos de bandeiras, dizendo que as “entradas” seriam expedições oficiais, encarregadas de reconhecer o interior, numa primeira fase, e posteriormente, foram definindo politicamente os limites entre Portugal e Espanha, em terras da América do Sul. Com a fixação dos colonos portugueses no litoral brasileiro, necessitou-se de braços para a lavoura de cana-de-açúcar e para os engenhos. As “bandeiras” eram as incursões no litoral hoje paranaense e catarinense e no centro do atual Rio Grande do Sul para capturar os indígenas, a mão-de-obra procurada para suprir as necessidades dos colonos.²¹

Piazza entra mais ao fundo das bandeiras de apresamento e como o litoral catarinense, que era denominado “sertão dos patos” ou “terra dos Carijós” que pela sua elevada população indígena, passou a ser o palco da investida de inúmeras expedições de caça ao índio.²² Traz também vários nomes de bandeirantes e seus feitos.

No ano de 1604 Diogo de Quadros esteve preando “carijós”, em 1615 era a vez de Lazaro da Costa e, em 1619, Manoel Preto desce para o sul. Da sua investida e seu reconhecimento do litoral há resultado, porquanto solicita e recebe do Conde de Monsanto, a 15 de julho de 1692, provisão de “governador da ilha de Santa Catarina”.²³

Em seguida, Piazza traz os jesuítas e novamente falando como foi que esses corajosos homens enfrentaram terras pouco conhecidas para catequizar o gentio da terra. O autor identifica datas de importantes missões, nomes dos padres que delas participaram e os problemas enfrentados.

Em 1554, para prosseguiram “Missão aos Carijós” ordenou o Pe. Manoel da Nóbrega a ida do Padre Pero Correa, e Irmãos João de Souza e Fabiano de

²¹ Idem, P.104

²² Idem, P.104

²³ Idem, P.104

Lucena, tendo partido a 24 de agosto de 1554, passando de Cananéia à terra dos Carijós, onde se encontraram em novembro daquele ano, e, em dezembro, pelo Natal, quando Pero Correa e João de Souza se adentravam ao território dos Hirajaras, acompanhados de doze principais, foram atacados e mortos.²⁴

Dessa forma, nota-se que não eram todos os ameríndios que aceitavam os jesuítas e suas missões, e que essas missões não eram fáceis. Segundo Piazza, depois desse acontecimento os jesuítas deram uma pausa na tentativa de catequese, mas os missionários diziam que mesmo com essa pausa, os indígenas iam até S. Vicente à procura deles. A pausa dos missionários não durou muito. Em 1594, o autor diz que Jorge Coelho, à frente de um grupo de vicentistas, abre luta contra os Carijós, e mesmo havendo em 1595 uma ordem regia proibindo o cativeiro dos indígenas os paulistas não cessaram os ataques.²⁵ As incursões paulistas levaram os jesuítas em 1596 a reiniciarem as missões, mas agora como uma forma de proteger o ameríndio.

O Livro “Santa Catarina 100 anos de História: do Povoamento a Guerra do Contestado” surgiu de um projeto cultural patrocinado pela RBS TV, em dezembro de 1996 a novembro de 1997, escrito por Celestino e Sergio Sachet. O livro foi publicado no ano de 1997, e contém com 563 páginas. O livro foi escrito por Celestino Sachet que é doutor e livre-docente em letras – Literatura Brasileira, pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – (1974) e doutor em Filosofia da Educação, pela Universidade Autônoma de Guadalajara, México (1983). E Sergio Sachet, é formado em Administração, pela Escola Superior de Administração e Gerência – ESAG – (1969) e em Direito, pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – (1970). Traz a introdução e mais sete capítulos com outros subcapítulos. O primeiro capítulo fala sobre “O Povoamento e o Trabalho, no segundo vem “O Regime Republicano”, depois “República Civilista”, a seguir, “Um Tímido Progresso”, “Governo de Contraste” e por último, “Fogo no Planalto”, que fala sobre a Guerra do Contestado. O foco principal desta análise será o primeiro capítulo e no primeiro subcapítulo que tem como título: “O encontro do

²⁴ PIAZZA, Walter F.. **Santa Catarina : sua história**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1983. p. 106

²⁵ Idem, P. 106

Desencontro”, que, por ironia, tem outros subcapítulos menores, mais sete outros capítulos.

A parte reservada aos índios tem cinco folhas, e inicia contando como foi a chegada dos europeus ao Brasil e como foi o primeiro contato com os carijós, baseando-se em Hans Staden, que em 25 de novembro de 1549, com um grupo de navegadores, desembarcam em Desterro:

...encontraram-se com cinco “canoas de índios” e um branco espanhol. Há três anos, o europeu viveu na ilha, a fim de induzir os índios carijós, amigos dos espanhóis, a plantarem mandioca para suprimento dos navios em trânsito. Alojados nas cabanas dos carijós, os recém chegados trocam peixes e caças por anzóis. Afinal, precisam ensinar a pesca aos índios, conforme é praticada no Velho Mundo.²⁶

Com esta forma de falar parece que quem ensinou os carijós a plantarem foram os europeus, o que não bate com outros autores, que falam o contrário, que o carijó já tinha o domínio do plantio. Outro fato é que neste livro os autores sugerem que os europeus ensinaram até a pesca, como se antes o que o índio fazia não era pescar. Os carijós tinham de aprender a pescar com anzóis, para passarem a pescar como gente, como o europeu pescava.

Em outro momento, os autores citam duas outras obras, sendo eles: Manoel Joaquim de Almeida Coelho, no livro Memória Histórica da Província de Santa Catarina, 1856, que descreve os carijós como uma nação de gente pacífica e em permanente comércio com os paulistas e com o pessoal de São Vicente²⁷, e o outro é Lucas Alexandre Boiteux, no estudo “Santa Catarina no século XVI”: “... por serem “brandos e Humanos”, milhares destes infelizes vão trabalhar, escravos, nas fazendas do litoral paulista e, também, nas terras do Paraguai.”²⁸

Os irmãos Sachet comentam da necessidade de mão de obra escrava nos séculos XVI e XVII, e que os fundadores de São Francisco, do Desterro e da Laguna não tinham dinheiro para comprar escravos vindos da África, daí a solução, capturar os “gentios” Carijós para o trabalho escravo. A solução, encontrada por esses colonos foi de capturar o carijó de Santa Catarina, que além de “manso e pacífico” não custava nada. E a viagem até São Paulo era mais barata do que atravessar o

²⁶ SACHET, Celestino. **Santa Catarina: 100 anos de história**. Florianópolis: Século Catarinense, 1997-1998.

2 v. p.44

²⁷ Idem, P.47

²⁸ Idem, P. 47

atlântico para conseguir o escravo negro.²⁹ Com isso, Laguna exporta os carijós que, em meados do século XVII, já não existe “matéria prima” para os consumidores de São Paulo.

Os autores Sachet, citam Theobaldo Costa Jamundá, no livro “Os Carijós lá nas Origens”. Defende que a participação do imigrante no povoamento e na história do trabalho em Santa Catarina, não pode ser omitida a presença e o papel do Carijó, “lá nas origens”, e que o catarinense deve estudar a migração e seus resultados, de “fora” da Europa, para dentro. Mas também de “dentro” de Santa Catarina, para fora.³⁰

A última parte deste capítulo, no qual é reservado aos índios em geral, os autores fazem um comentário de como foram os enfrentamentos entre os colonos com as outras tribos indígenas que aqui viviam. Contam que o final da história destas tribos que lutavam para sobreviver em meio a um turbilhão de eventos que modificaram por completo suas terras, seu meio de vida, foram às chamadas reservas indígenas. Afirmam que no Morro dos Cavalos, em Massiambu, há 40 quilômetros da Rua Tenente Silveira, uma centena de catarinenses alimentava-se quase só de mandioca. E, até os doze anos, ninguém conhecia a língua portuguesa.³¹

Os autores falam que hoje, em meio às cidades podemos encontrar os carijós com seus artesanatos ou suas aves e animais silvestres, em madeira, para conseguir o que pra eles nunca foi necessidade, o dinheiro, ou algo que nunca tinha faltado, a comida. Os autores lembram que esse é o índio de hoje e questionam a situação indígena: Carijó bem comportado, ou tupi-guarani desesperado? Pois esses são os pedaços da história dos últimos 100 anos que tem a coragem de se expor às cidades, e de gritar: SOBREVIVEMOS.³² E encerra o capítulo citando o cacique Artur Benito, ao se sentir doente vai ao Posto de Saúde de Palhoça:

Mandaram eu voltar outro dia para fazer os exames, diz. Mas eu não tenho dinheiro para voltar. Eu sei que tenho vermes. O corpo e meu e sinto que eles se mexem aqui dentro. E conclui: Chorar não da: gritar não da: Fazer o que?³³

²⁹ Idem, P. 47

³⁰ Idem, P. 48

³¹ Idem, P.51

³² SACHET, Celestino. **Santa Catarina: 100 anos de história**. Florianópolis: Século Catarinense, 1997-1998.

2 v. p. 52

³³ Idem, P.52

Estas palavras mostram a noção de como vivem esses ameríndios nos dias de hoje, nas reservas. Chamamos estes lugares de reservas, mas reservas são para animais, e não estamos falando de nenhum animal, mesmo que se fossem animais não mereciam ser tratados de tal forma. Estes ameríndios são pessoas são gente como cada um de nós, será que merecem esse tratamento mesmo assim? Na cabeça da maioria dos brasileiros ainda corre aquele pensamento europeu, aquele pensamento que destruiu civilizações inteiras e que discrimina as diferenças.

3 - Os Carijós nos livros Didáticos de História de Santa Catarina

Walter F. Piazza em conjunto com a autora Laura Machado Huberner, organizaram o livro: “Santa Catarina: História da Gente”, destinado ao segundo grau. Este livro foi editado no ano de 1983, e teve como objetivo, o ensino de História aos alunos do segundo grau, e que segundo os autores procura preencher a lacuna até então existente: “elaboramos uma obra didática com uma abordagem, não só de caráter político administrativo, mas também correlacionada com fatores socioeconômicos e culturais da vida catarinense”.³⁴

Piazza e Laura Machado dividem o livro em quatro períodos, sendo o primeiro denominado “A pré-história do Novo Mundo”, o segundo “Período Colonial”, depois o “Período Imperial” e o “Período Republicano”. Eles destinam 150 páginas do livro para comentar desde a pré-história até os dias atuais. Em sua totalidade, o livro é dividido em 35 capítulos, distribuídos dentro dos quatro períodos anteriormente citados, sendo que dentro destes capítulos há vários outros subcapítulos.

A parte que Piazza e Laura Machado reservaram para falar dos carijós, fica no período colonial, no capítulo III. Em geral, é um capítulo destinado a falar do carijó, mas como já acontece em muitas obras, o carijó vem dividindo seu espaço com outros agentes da história, como os jesuítas e bandeirantes. A obra inicia o capítulo de duas páginas falando de como se encontrava a região de Santa Catarina antes da chegada dos primeiros europeus e quais os índios aqui viviam:

No momento da descoberta do Brasil era bastante expressivo o número de indígenas que habitavam Santa Catarina e tal é demonstrado pelos relatos dos viajantes que, aqui, estiveram, e, posteriormente, pelo testemunho dos missionários. Assim, no litoral catarinense situavam-se os indígenas da grande nação Tupi guarani, de “língua geral” e que, regionalmente, vão ser denominados de “Carijós”, no interior dos vales litorâneos, na encosta do planalto e no próprio planalto estava o grupo Jê, estruturado em tribos, denominados ora de botocudos, ora de bugre ou ainda de Kaingang, Xocren e Aweikoma. Face aos estudos lingüísticos desenvolvidos passou-se a

³⁴PIAZZA, Walter F.; HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina: história da gente**. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1983. P. 05

denominar estes indígenas de Xókleng, diante da caracterização dialetal filiada ao grupo Kaingang.³⁵

Os autores também destacam que o litoral Catarinense, também conhecido “Sertão dos Patos”, ou “terra dos carijós”, pela sua elevada população indígena, passou a ser alvo de investidas de inúmeras expedições de caça ao índio, no século XVII.³⁶ E desde a fixação dos portugueses no litoral brasileiro surgiu a necessidade de braços para a lavoura da cana-de-açúcar e para trabalhar nos engenhos, e quem se tornou esta força braçal foram os carijós. Também os autores citam a importância que tiveram os bandeirantes na formação catarinense, de como com as inserções realizadas no litoral catarinense vão ser feitas as primeiras fundações:

Dentre as bandeiras que se dirigiam em direção ao sul, destacam-se a de Manoel Preto que recebe, inclusive, a provisão de “Governador da Ilha de Santa Catarina”, a de Antonio Raposo Tavares, o qual atacou reduções jesuíticas, no Rio Grande do Sul. O atual oeste catarinense seria um caminho usual dos bandeirantes paulistas, foi a bandeira paulista de Jerônimo Pedrosa de Barros a última grande expedição que devassou a área do extremo-oeste catarinense em 1641.³⁷

Na última divisão deste capítulo que fala dos carijós, traz os jesuítas e sua catequização dos “gentios” catarinenses. Piazza e Laura Machado falam que a vinda dos jesuítas no Brasil, coincidiu com a vinda do primeiro governador geral, Tomé de Souza, em 1549, e que coincidentemente já estava se desenvolvendo a caçada do ameríndio para a escravidão. Segundo os autores, entre as testemunhas dessa caçada estava o Padre Manoel de Nóbrega, e que os carijós do litoral catarinense, já catequizados mereceram as seguintes palavras do jesuíta.

Além de São Vicente estão os carijós, e todos dizem que é o melhor gentio desta costa, entre eles estavam convertidos e batizados. Muitos. Não há muito tempo que foram ensinados por dois frades franciscanos e tomaram tão bem na doutrina, que já tem casas de recolhimento para mulheres, como freiras, e outras de homens, como frades.³⁸

³⁵ PIAZZA, Walter F.; HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina: história da gente**. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1983. p. 27

³⁶ Idem, P. 27

³⁷ Idem, P. 27

³⁸ PIAZZA, Walter F.; HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina: história da gente**. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1983. p.28

O livro menciona também que a partir de 1533 teve início a “Missão dos carijós, quando espaçadamente os jesuítas vão exercendo atividades de catequese e até de proteção aos indígenas. Essas missões estenderam-se pelo século XVII, já que, em 1668, o conselho Ultramarino determinou especificamente o envio de missionários para missões com os carijós, “... dois missionários da mesma companhia de Jesus para o colégio de Santos para ali fazerem as missões até o rio de São Francisco e Ilha de Santa Catarina.”³⁹ Os jesuítas ainda continuaram pregando sua catequese durante as primeiras décadas do século XVIII.

O livro didático “Os Catarinas: Terra e Gente”, um livro escrito para o ensino da matéria de estudos sociais. Esse livro foi publicado no ano de 1995 e tem como seus idealizadores Walter F. Piazza, que é formado em Bacharel e Licenciatura em História, Doutor em Ciências Humanas, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Santa Catarina e Membro do Conselho Estadual de Educação. A professora Ivete Lombardi, licenciada em Estudos Sociais e em Pedagogia, Especialista em Educação e Psicomotricidade, Consultora Educacional e Assessora Técnica do Conselho Estadual de Educação. E a professora Mara de Fátima Leite, Licenciada em Letras, Especialista em Português e Literatura Brasileira, Consultora Educacional/Revisora e faz parte do Conselho Estadual de Educação. O livro contém 147 páginas e traz, vocabulário, fotos dos governadores até 1995, traz os nomes de catarinenses ilustres e seus feitos, o hino do Brasil, o hino de Santa Catarina e traz páginas explicando os símbolos nacionais e estaduais.

O livro está dividido em temas de geografia e história que formava a matéria de estudos sociais, na década de 1970. A justificativa do governo para a criação desses cursos foi a falta de mão-de-obra qualificada necessária a alguns segmentos da área educacional — neste caso, o de formação de professores. De acordo com Fonseca (1993), essa era a forma de ampliar o número de graduados com um mínimo de conhecimento sobre determinada área. De fato, a intenção era suprir a defasagem de profissionais de educação, habilitando professores polivalentes. Como esses cursos não necessitavam de laboratórios especiais ou de materiais didáticos diferenciados, espalharam-se pelo país, associados às instituições privadas. Portanto, a formação dos profissionais ocorreu com uma carga horária

³⁹ Idem, P. 28

reduzida, se comparada à da licenciatura plena, e, conseqüentemente, com precárias condições de ensino.⁴⁰

O livro “Os Catarinas: Terra e Gente” vem dividido em capítulos de geografia, com temas como, onde estamos, limites de Santa Catarina, a terra catarinense e muitos outros. E temas de história como, a gente catarinense, o habitante da terra, a formação histórico cultural do território catarinense, as primeiras povoações entre outros. A parte deste livro que será discutida, é onde os autores citam os ameríndios catarinenses, e intitulam o capítulo de “A Gente Catarinense”.

Os autores começam o capítulo fazendo o comentário que a partir da descoberta da América e do Brasil, os Espanhóis e os Portugueses enviaram desbravadores para essa nova terra. a Espanha com Cristovam Colombo, e depois com várias expedições ao novo continente. Foram essas expedições espanholas que inicialmente visitaram o litoral sul do Brasil, inclusive Santa Catarina, dando nomes a vários lugares como, por exemplo, a ilha de Santa Catarina e o continente, chamando-os de “Baia dos Perdidos”.⁴¹

Em seguida, os autores trazem os ameríndios e falam que antes da chegada dos europeus, o território brasileiro era habitado por indígenas. E dessas populações se tem testemunhos, como restos arqueológicos e testemunhos dos primeiros navegantes.⁴² Esse é o maior problema quando vai se trabalhar em função da história indígena. Não existem fontes escritas dos próprios ameríndios, por isso, hoje a maior parte desse trabalho fica nas mãos de arqueólogos, porque a parte arqueológica que sobreviveu até os tempos de hoje sobre o ameríndio é bem vasta.

Piazza, Ivete Lombardi e Mara Leite, falam um pouco sobre as populações indígenas, falam que os ameríndios eram muito numerosos e dividiam-se em dois grandes grupos, de um lado os tupi-guarani que habitavam o litoral e as margens de rios navegáveis, e esses ameríndios eram agricultores e plantavam principalmente mandioca e milho, produziam objetos de cerâmica, decorados com as pontas dos dedos ou das unhas e com outros objetos. Pintavam suas urnas funerárias com desenhos nas cores vermelha e amarela. Os ameríndios ficaram conhecidos pelos navegantes e missionários por carijós.⁴³

⁴⁰ Idem, P. 46

⁴¹ Idem, P. 46

⁴² Idem, P. 47

⁴³ Idem, P. 47

Os autores também falam dos outros povos indígenas catarinenses, os jês, que viviam no interior, e eram principalmente coletores e caçadores e, portanto, bastante nômades. Deste grupo, vivem ainda os xókleng e os kaingang. Essas tribos, com a chegada dos colonizadores europeus foram perdendo suas áreas de coleta e de caça, e foram mais para o interior, tendo assim mais dificuldade de sobrevivência. O fim para esses dois grandes grupos de ameríndios catarinenses, foi a dizimação de sua maioria. Os que sobreviveram, foram obrigados a viver em reservas.

Já no livro didático “Santa Catarina de todas as Gentes: História e Cultura” escrito pelas autoras Neide Almeida Fiori - doutora em Sociologia, docente na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pesquisadora do CNPq⁴⁴ – e Ivone Regina Lunardon – formada em História pela Universidade Federal do Paraná, em seu caminho profissional atuou, durante muito tempo, como professora do ensino fundamental, aliando, assim, os seus conhecimentos históricos com a prática docente. O livro foi publicado no ano de 2004, conta com 272 páginas, é um livro colorido com imagens, tiras com documentos e fotos de época. No livro há citações de escritores de visão histórica tradicional e visão histórica crítica.

As autoras dividem o livro em 6 unidades, I - O Estado de Santa Catarina, Ontem e Hoje, II – Populações Indígenas, III – Populações de Origem Africana, IV – Expansão Territorial, V – Chegam os Imigrantes e a unidade VI – Maneiras de Viver. Iremos nos centrar na segunda unidade “Populações Indígenas”, encontramos uma diferença grande com os outros livros aqui analisados, pois na maioria dos livros ainda da década de 1990, a parte reservada para tratar do índio não passa de 2 ou 3 folhas, Neste livro “Santa Catarina de Todas as Gentes”, já encontramos um capítulo de 40 páginas destinado aos ameríndios catarinense. Isso mostra a mudança que muitos pesquisadores passaram em relação ao índio nesses últimos anos, e isso ainda vem aumentando.

⁴⁴ O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é um órgão ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) para incentivo à pesquisa no Brasil. Fundado em 1951, o CNPq é considerado das mais sólidas de sua área entre os países em desenvolvimento. Seu objetivo inicial foi capacitar trazer ao Brasil o domínio da ciclo atômico, tema de importância estratégica naquele momento. Porém seu papel ampliou-se com o passar do tempo para o financiamento de pesquisas científicas e tecnológicas nas diversas áreas do conhecimento, com bolsas e auxílios. Localizado na Asa Norte de Brasília, o CNPq era o órgão que centralizava a coordenação da política nacional de ciência e tecnologia até a criação do respectivo ministério em 1985. O CNPq tem muitos órgãos federais e agências de fomento estrangeiras como parceiros.

O livro começa descrevendo como estava o território catarinense antes do descobrimento. Mostram descobertas arqueológicas que comprovam que esse território já era habitado há milhares de anos. É citado, por exemplo, os sambaquis, como foram formados, porque se formaram e quem os formou além de imagens de alguns sambaquis catarinenses. Mostra como foi, quando chegaram os europeus, e como foram esses primeiros contatos, trazendo imagens e documentos de época, como é o caso da carta de Pero Vaz de Caminha.

Na parte que fala dos ameríndios que viviam em Santa Catarina na época da descoberta, mostra que aqui existiam dois grandes grupos os Jês (também denominado Tapuia) e o tupi-guarani.

- Os indígenas do grande grupo tupi-guarani habitavam as áreas litorâneas e, na região de Santa Catarina, ficaram conhecidos como carijós.
- Os indígenas do grande grupo jê, nessa época, habitavam as regiões mais do interior: as florestas e os vales entre o litoral e o planalto. Formavam importantes grupos indígenas conhecidos, como os xókleng e os kaingang.⁴⁵

Com explicação das diferentes tribos os autores vão no decorrer do capítulo falar de cada um separadamente. As autoras começam falando que os carijós (também conhecidos como carios), viviam nas regiões litorâneas do que hoje é o estado de Santa Catarina até o norte do Rio Grande do Sul, e que viviam em aldeias distribuídas por todo o litoral, faziam roças de milho e mandioca e também se alimentavam de mel e frutas.⁴⁶

As autoras dizem que os carijós eram exímios arqueiros, eram ensinados no manejo do arco desde pequenos, e caçavam os animais que viviam na região.⁴⁷ O interessante é que o livro traz várias imagens dos carijós, imagens que representam a vida cotidiana dos carijós. O livro também fala que os carijós tinham a pele mais clara e que viviam seminus e adornados com penas e peles. Eram considerados de índole pacífica, mas quando hostilizados atacavam seus inimigos com flechadas, e que quando os navegadores aportavam nos lugares onde viviam, forneciam o que

⁴⁵ FIORI, Neide Almeida; LUNARDON, Ivone Regina. **Santa Catarina de Todas as Gentes: História e Cultura, história 3.º série** Base Editora, 2004. P. 51

⁴⁶ Idem, P. 51

⁴⁷ Idem, P. 51

os navegadores precisassem. E desse convívio com os brancos, para os carijós, ficou a doença, que dizimou muitos ameríndios.⁴⁸

As autoras também trazem as bandeiras e os bandeirantes, e como foram suas investidas para aprisionamento do ameríndio, e com isso também a ação dos jesuítas, na tentativa de proteção e catequese dos ameríndios. Mas essa ação dos jesuítas não dava muito certo, pois muitos bandeirantes procuravam ameríndios para levar para os engenhos de açúcar, geralmente longe de Santa Catarina, assim atacavam as “missões” ou “reduções”⁴⁹ onde viviam jesuítas e ameríndios.

Em seguida, as autoras falam de como foi que se deu o fim dos ameríndios, não só por batalhas mas, na maioria, por doenças. Depois falam sobre os xókleng e os kaingang, contando suas histórias. E para finalizar esse capítulo as autoras comentam como ficaram os sobreviventes dessas histórias de penetração dos europeus em território catarinense, ou melhor, as autoras falam das reservas indígenas. Dizem que ainda há descendentes de guaranis aqui em Santa Catarina, mas nenhum deles é carijó, e que vivem hoje numa pobreza profunda.

⁴⁸ Idem, P. 52

⁴⁹ As **missões ou reduções** são iniciativas religiosas destinadas a propagarem os princípios do Cristianismo entre povos não-cristãos. Se baseiam em princípios da teologia cristã em imitação do ministério de Jesus Cristo e em cumprimento do mandamento que deu aos seus Apóstolos para pregarem o Evangelho pelo mundo. Mas além de serem simples ministério da palavra, as missões se estruturaram ou inserem em comunidades estáveis e procuram integrar, com maior ou menor sucesso, os princípios cristãos com a realidade de vida dos povos em que se implantam. Dessa forma, ultrapassam a esfera religiosa e assumem uma dimensão social, econômica, educativa, assistencial e muitas vezes também artística e cultural.

4 - Conclusão

Os carijós foram um povo que mesmo sabendo das diferenças entre eles e os europeus, aceitou os recém chegados e os ajudou no que era preciso. Isso já vem da cultura desse povo. Foi à maneira que escolheram para a sobrevivência, mas a cultura ocidental era muito destrutiva para os carijós, que acabaram não sobrevivendo a esse turbilhão chamado europeu.

Com essa análise feita, pode se ver que houve uma mudança de pensamento nas últimas décadas. Inicialmente, preocupava-se em escrever uma historia narrando os feitos de heróicos homens que saíram das suas casas e atravessaram um imenso mar para chegar nessas terras bárbaras e construir um novo mundo do zero.

Essa ideia perdurou por muitas décadas, chegando até os dias atuais. Ainda hoje existem pessoas com esse tipo de pensamento, mas também vem tendo um crescente aumento dos pesquisadores críticos, que têm uma abordagem mais minuciosa sobre o ameríndio. Hoje, já se tem uma história menos centralizada nos feitos europeus, contendo, ainda que seja pouca, mas alguma informação mais detalhada das populações indígenas, até pessoas que criticam as reservas indígenas.

E esse foi o fim dos ameríndios citados neste trabalho, na sua maioria, tirando os carijós, não sobreviveram para contar suas histórias. Representantes Guaranis, Kaingangs e Xóclengs vivem nessas reservas miseravelmente, ainda pode se encontrar descendentes guaranis perto de grandes cidades ou estradas, vendendo seus artesanatos.

Referências Bibliográficas

BRANCHER, Ana; AREND, Silvia Maria Fávero. **História de Santa Catarina: séculos XVI a XIX.** Florianópolis: Ed. UFSC, 2004. 206 p

BRIGHENTI, Clovis Antonio. **Estrangeiros na própria terra: presença guarani e estados nacionais.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010. 282 p.

CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina.** Florianópolis: Secretaria de educação, 1968. 430 p.

CATHARINO, José Martins. **Trabalho índio em terras da Vera ou Santa Cruz e do Brasil** tentativa de resgate ergonômico. Rio de Janeiro: Ed. Salamandra, 1995. 628 p.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil.** 2.ed São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 609 p.

RIBEIRO, Darcy, **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.72

FIORI, Neide Almeida; LUNARDON, Ivone Regina. **Santa Catarina de Todas as Gentes: História e Cultura, história 3.º serie** Base Editora, 2004. P. 272

FONSECA, S. G.(1993) **Caminhos da História ensinada.** Campinas: Papirus.

HISTÓRIA de Santa Catarina. Curitiba, PR: GRAFIPAR, 1970. 4 v.

JECUPÉ, Kaka Werá. . **A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio.** 2.ed. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1998. 115 p.

PIAZZA, Walter F.; HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina: história da gente.** Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1983. 150 p.

PIAZZA, Walter F.; Ivete Lombardi; Mara de Fátima Leite. **Os catarinas: terra e gente.** Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1995. 122 p.

SACHET, Celestino. **Santa Catarina: 100 anos de história.** Florianópolis: Século Catarinense, 1997-1998. 2 v.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **A integração do índio na sociedade regional a função dos postos indígenas em Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. UFSC, 1970. 138 p.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Nova história de Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1974. 124 p.

SILVA, Aracy Lopes da. **A questão indígena na sala de aula.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987. 253 p.